TL 3795-41

A IDENTIDADE DO POVO DE TIMOR-LESTE

INTERVENÇÃO DO DEPUTADO FERNANDO DE SOUSA (PS) NA CONFERÊNCIA INTERPARLAMENTAR DE LISBOA SOBRE TIMOR-LESTE - 01.06.1995

1. Introdução

O conceito de identidade, entendido desde os inícios da reflexão filosófica como "um dos primeiros princípios da actividade do pensar", tanto faz parte da linguagem comum como do vocabulário técnico de quase todas as ciências, desde a lógica e a matemática até às ciências humanas e sociais, onde expressões como **identidade pessoal** ou **identidade cultural** e **identidade nacional** são continuamente utilizadas.

Se é perfeitamente natural pedir a identidade das pessoas, isto é, os elementos que a identificam, porque é que não havemos de pedir a um povo a sua identidade, isto é, o seu nome, naturalidade e residência, a sua personalidade de base forjada por uma tradição cultural, apreender a sua consciência colectiva, em

suma, os traços estruturais que o caracterizam e permanecem sob diversos aspectos ou múltiplas circunstâncias, de forma a compreendermos a sua individualidade e autenticidade?

É, pois, nesta perspectiva que vamos procurar captar a identidade do Povo Maubere ou do Povo de Timor-Leste.

Mas será que podemos falar da identidade do Povo de Timor-Leste? Xanana Gusmão, a principal figura da resistência timorense à dominação indonésia, não tem qualquer dúvida quanto a esta questão. Segundo ele, o Povo Maubere goza de uma identidade étnica, histórica, cultural, religiosa e mesmo de uma identidade política - esta última construída através de "ancestrais lutas" pela independência, e que é sinónimo de identidade histórica. A secular colonização portuguesa - continua - contribuiu "para definir um espaço territorial, identificado como Timor-Leste, habitado por um Povo que adquiriu uma personalidade própria e se chama Maubere" (1).

Analisemos, então, quais as formas e características de que se reveste a identidade do Povo de Timor-Leste.

2. Território

O território é constituido pela parte este da ilha de Timor, a maior e mais oriental das pequenas ilhas de Sunda, com uma superfície de 18.900 km2, cabendo 17.900 km2 à parte principal e 1.000 km2 ao enclave de Oé-Cusse, ilha de Ataúro e ilhéu Jaco. Os limites terrestres foram estabelecidos pelo tratado com a Holanda, de 1859, pelo convénio de 1893 e pela convenção luso-holandesa de 1904.

Um território, assim, com fronteiras perfeitamente limitadas desde o século XIX, cujo traçado nos remete para o século XVII, quando, grosso modo, a parte ocidental da ilha passou a estar sob domínio holandês e a parte oriental (a região dos belos) sob domínio português, e que não foram postas em causa com a independência da Indonésia, em 1949.

Fronteiras definidas por portugueses e holandeses, ou, como defendem alguns historiadores, fronteiras históricas anteriores à chegada dos europeus, que têm mais a ver com uma ideia de Império de Timor-Leste distinta da ideia de Império de Timor Ocidental, no quadro mais amplo dos impérios que existiram na Insulíndia? Neste caso, a partilha de Timor por portugueses e

holandeses não seria mais que o reflexo, a nível dos colonizadores, da dupla realidade histórico-cultural já existente naquela ilha.

3. Identidade etnico-linguística

Timor-Leste registava, por 1974, 31 grupos etnico-linguísticos. As línguas, dialectos e subdialectos podiam reduzir-se a sete idiomas fundamentais, do ramo indonésio, da família malaio-polinésia, além, naturalmente, do idioma português que, sendo falado por 10 a 12% da sua população, em 1974, está hoje em vias de desaparecer, uma vez que, após a invasão indonésia, deixou de ser ensinado nas escolas.

A introdução acelerada e forçada do idioma indonésio, nos últimos anos, que é falado pela própria resistência, levou a que a realidade linguística se revele substancialmente diferente do que acontecia há vinte anos. Contudo, o **teto** ou **tetum**, que, por acção dos missionários, acabou por constituir o principal dialecto de Timor-Leste, e que, até 1974, era uma das línguas de opção dos alunos do Instituto de Línguas Africanas e Orientais que se

destinavam à administração das colónias portuguesas, continua a garantir a individualidade linguística do território.

4. Identidade Cultural

Não há uma cultura única e homogénea em Timor-Leste como não existe, aliás, na Indonésia. Havendo diversas etnias, aparentadas mas distintas, certamente que cada uma delas mantém um património cultural próprio. A civilização de Timor, como escreveu Filipe Tomás, constitui um ramo da chamada civilização "austro-asiática" comum a todo o Sueste do Continente Asiático e Insulíndia, embora a influência do substrato papua seja mais forte naquele território do que no resto da Insulíndia.

É claro que a esse fundo vieram juntar-se outros elementos, nomeadamente, javaneses e malaios - aqueles, quase imperceptíveis, este, o malaio, mais nítido no traje, culinária, técnicas de pesca e navegação, folclore, etc. -, mas a contribuição portuguesa foi a mais vultuosa, logicamente, mais presente no meio urbano, no litoral e entre as elites, mais reduzida nos meios rurais, no interior e entre as classes populares, estas, afinal,

responsáveis pela conceito **Maubere**, e que a resistência acabou por adoptar para designar o Povo de Timor-Leste.

A influência portuguesa, trazida pelos missionários, revelou-se mais nítida no aspecto espiritual - religião, língua e arte - que no domínio material, onde são de registar as novas plantas introduzidas em Timor - milho de maçaroca, mandioca, etc. -, e os novos animais como a vaca, contribuindo, assim, por aprofundar a individualidade de Timor-Leste.

A colonização portuguesa, que verdadeiramente só começou nos inícios do século XX, acabou, efectivamente, por transmitir novos hábitos e usos à vida quotidiana do Povo de Timor-Leste, por marcar a diferença em relação aos indonésios, que são vistos por muitos dos seus habitantes como mais atrasados e até selvagens - o que não é de admirar se tivermos em atenção o comportamento dos indonésios após a invasão e ocupação daquele território.

5. Identidade histórica

Apesar da sua história remontar ao Paleolítico, a verdade é que, só com a chegada dos portugueses, no século XVI, se abre

em Timor o período propriamente histórico - pois só então foi introduzida na ilha a escrita.

Curiosamente, não são os comerciantes mas os missionários que, a partir da segunda metade do século XVI, vão enraizar a presença portuguesa em Timor, e são eles também que, a partir do século XVII, quando a Coroa portuguesa reconheceu aos holandeses a ocupação do território ocidental da ilha, vão proceder à missionação do território de Timor-Leste.

Seja como for, a multissecular presença portuguesa no território de Timor-Leste acabou por marcar de modo duradouro o Povo Maubere.

Existe entre o Povo de Timor-Leste, como reconhece Xanana Gusmão, um "guardado sentimento de carinho e de respeito pelos portugueses colonizadores", bem expresso no culto que alimenta pelas bandeiras portuguesas, e no facto de, após a retirada dos japoneses no final da II Guerra Mundial, ter aceitado, pacificamente, de novo, a administração portuguesa.

Mas, para além dessa afinidade emocional, indiscutível, existem outros aspectos que importa salientar:

1. a definição do espaço físico do território;

2. a religião católica, que embora não alterando radicalmente os fundamentos étnico-sociais da sociedade timorense, acabou por se impregnar na espiritualidade e no conjunto de referências e valores do Povo Maubere;
3. a profunda miscigenação cultural, fruto da prolongada presença portuguesa, que acabou por se estabelecer entre colonizadores e colonizados;
4. a língua portuguesa, que, sobrepondo-se aos múltiplos dialectos locais, acabou por aproximar e unir as elites locais, ainda que hoje, por razões óbvias, em desuso.

A colonização portuguesa, durante mais de 4 séculos de existência, contou sempre com um número reduzido de portugueses e exerceu-se de modo a não pôr em causa o poder tradicional dos reis locais.

Sempre que a administração portuguesa procurou reforçar ou intensificar a sua presença, as revoltas sucederam-se. Nunca o Povo de Timor-Leste, como reconhece Xanana Gusmão, esteve completamente subjugado por Portugal. Só no nosso século, isto é, após 1911-1913, anos da última grande revolta dos timorenses

sob o nosso domínio, é que a dominação passou a ser mais eficaz.

A colonização portuguesa acabou, assim, como lembra Xanana Gusmão, por contribuir de dois modos, para a identidade histórica de Timor-Leste. Por um lado, desencadeando um processo de aculturação que, com o tempo, se veio a tornar responsável por um conjunto de influências e de modificações, que, embora de modo selectivo, vieram a perdurar na cultura do Povo de Timor-Leste e, deste modo, a influenciar a sua própria personalidade de base. Por outro lado, suscitando uma consciência nacional gerada por essa prolongada luta e resistência contra a dominação portuguesa.

As aspirações de autonomia do Povo de Timor-Leste têm, pois, de ser entendidas à luz de uma multissecular tradição de lutas pela independência, no passado contra a colonização portuguesa, no passado imediato e ao presente contra a mais violenta, brutal e racista colonização que o Povo de Timor-Leste alguma vez sofreu ao longo da sua história, a colonização indonésia.

6. Identidade Religiosa

Antes da chegada dos portugueses, os timorenses eram animistas, não se registando quaisquer traços de influências hindus ou muçulmanas.

Com a introdução do cristianismo em Timor, na segunda metade do século XVI, a evangelização dos povos vai prosseguir de modo persistente, de tal modo que, na viragem do século XVII para o século XVIII, a religião católica lança na ilha raízes decisivas, sobretudo, como já dissemos, na parte oriental da ilha.

A sua difusão revelou-se, contudo, muito lenta. Por 1974, cerca de 70% da população de Timor-Leste era, ainda, animista.

Nas últimas décadas assistiu-se, contudo, a uma rápida difusão do cristianismo (embora com a subsistência de muitos elementos do animismo tradicional), levando a que os 30% de católicos, em 1974, passassem, ao presente, para 85% (700.000 num total de 820.000 pessoas) - fenómeno de natureza excepcional, que exprime a extraordinária obra de evangelização e promoção humana que a Igreja Católica tem desenvolvido, naquele território, através de escolas, orfanatos e clínicas, mas que revela, também, de forma iniludível, o repúdio do Povo de

Timor-Leste pelo islamismo, a sua resistência espiritual à brutal ocupação da Indonésia islâmica.

O não enraizamento do islamismo no Povo de Timor-Leste constitui, sem dúvida, a principal razão da sua fraca adesão à Indonésia.

A igreja católica de Timor-Leste, neste prolongado cativeiro do Povo Maubere, como escreveu Xanana Gusmão, tem sido o "porto seguro" contra as vagas de crimes perpetrados pela Indonésia, a expressão mais pura e mais intensa da consciência do Povo Maubere, e do seu inalienável direito à autodeterminação e à independência.

Conclusão

Em conclusão, podemos dizer que o Povo de Timor-Leste apresenta uma forte identidade de natureza histórico-cultural, linguística e religiosa.

Uma identidade histórico-cultural, sem a qual nenhuma consciência nacional é possível (Fernand Braudel), que decorre de uma evolução autónoma no quadro da colonização portuguesa, a qual, não só definiu o seu território desde o século XVII, como

acabou por influenciar, de modo considerável, a sua personalidade de base, os seus usos e costumes e esbater as diferenças étnicas e culturais existentes.

Uma identidade linguística, que nunca foi expressa pelo português, falado apenas por uma minoria, e hoje, apenas recordado pelos mais velhos, mas pelo **tetum** que confere unidade ao Povo de Timor-Leste, uma vez que todos se entendem nessa língua, mau grado a diversidade etnico-linguística.

Finalmente, uma identidade religiosa, assumida por um povo de raíz animista, nunca islamizado, e que se converteu, em massa, ao catolicismo.

É claro que a identidade de um povo só se afirma, de modo indiscutível, perante uma forte ameaça, ou um inimigo comum.

A autêntica e genuína identidade do Povo Maubere, isto é, a afirmação da consciência nacional do Povo de Timor-Leste, só despertou com a invasão indonésia, esbatendo as diferenças étnicas, culturais e sociais existentes.

Uma identidade que não foi posta em causa pela presença portuguesa, mas que se arrisca a ser destruída pela ocupação indonésia, pela abolição total do português e a introdução forçada

da língua indonésia, pela colonização do território de Timor-Leste com gentes vindas de outras partes da Indonésia, pela presença e acção das forças armadas aí acantonadas.

Trata-se, com efeito, de uma ocupação brutal, que pretende descaracterizar o Povo Maubere, destruir a consciência colectiva de um povo que detém, como já vimos, referências e valores próprios que o individualizam dos restantes povos do Estado da Indonésia.

Uma nação, como escreveu Ortega & Gasset, só existe quando um povo, no seu conjunto, pretende construir alguma coisa.

A Nação Maubere, o Povo de Timor-Leste pretende construir alguma coisa, isto é, pretende salvaguardar, como escreveu Xanana Gusmão, "as suas tradições e cultura nacionais,... seus valores, seu pensamento, sua filosofia, sua mentalidade", e, acima de tudo, quer ser livre, para, em liberdade, gerir o seu destino e construir o seu futuro.

01.06.1995

FERNANDO DE SOUSA

Notas:

1. Xanana Gusmão, ***Timor Leste. Um Povo, Uma Pátria***, Lisboa, 1994.
2. L. Filipe Tomás, **Timor**, "*Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*", 17º volume, Lisboa, 1975; e do mesmo autor, ***Timor - notas histórico-linguísticas***, "*Portugaliae Histórica*", II, Lisboa, 1974.
3. Taylor, John G., ***Timor. A História Oculta***, Lisboa, 1993.
4. C. R. Boxer, ***The Portuguese Seaborne Empire***, Londres, 1969.
5. A. Teodoro de Matos, ***Timor Português, 1515-1769. Contribuições para a sua História***, Lisboa, 1974.
6. A. Barbedo de Magalhães, ***Timor Leste. Ocupação Indonésia e Genocídio***, Porto, 1992